BERNARDO CARVALHO

Reprodução

Companhia Das Letras

Copyright © 2013 by Bernardo Carvalho

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Sabine Dowek

Foto de capa
Detalhe da fotografia de Luc Delahaye. *132nd Ordinary Meeting of the Conference*. Cortesia Luc Delahaye & Galerie Nathalie Obadia, Paris/Bruxelas.

Preparação
Márcia Copola

Revisão
Valquíria Della Pozza
Ana Maria Barbosa

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carvalho, Bernardo
Reprodução / Bernardo Carvalho. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2323-0

1. Ficção brasileira I. Título.

13 - 08283 CDD - 869.93

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

[2013]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

I. A LÍNGUA DO FUTURO

I don't believe in China.
Malcolm Lowry (1909-1957)

Tudo começa quando o estudante de chinês decide aprender chinês. E isso ocorre precisamente quando ele passa a achar que a própria língua não dá conta do que tem a dizer. É claro que isso significa, também, que a possibilidade de dizer não está no chinês propriamente dito, mas numa língua que ele apenas imagina, porque é impossível aprendê-la. É nessa língua que ele gostaria de contar sua história. Vamos chamar essa língua de chinês, na falta de um nome melhor. Ele gostaria de dizer, em chinês: "É um lugar-comum viajar para esquecer uma desilusão amorosa, mas é impossível escapar ao lugar-comum", só que não pode, porque não chegou a essa lição. O estudante de chinês está a caminho da China justamente para escapar ao inferno dos últimos sete anos, seis deles divorciado, desempregado e estudando chinês, quando depara, na fila do check-in, com a professora de chinês desaparecida dois anos antes, quando, de uma hora para outra, sem explicações, ela abandonou as aulas individuais que dava para ele na escola de chinês, obrigando o estu-

dante a continuar o curso com uma substituta. Desde que a professora desaparecera, o estudante de chinês, que nos últimos anos transformara os comentários anônimos na internet, e em especial os hediondos, em sua principal atividade diária, aguardava uma urgência e um pretexto para comentar também a história dela, e o reaparecimento inesperado da professora de chinês na fila do check-in lhe parece mais que suficiente.

A primeira vez que ele a viu, achou que ela não fosse chinesa. É verdade que o estudante de chinês estava sob efeito da irritação de descobrir que a antiga professora fora substituída sem que ele tivesse sido consultado. Não era a primeira vez. Nenhuma professora parava na escola. Já era a terceira que ele conhecia em três anos. A primeira foi mandada embora porque precisou viajar com a mãe para a China. Como não havia férias nem folga na escola de chinês, ninguém podia parar de dar aulas de chinês, nunca. A viagem da primeira professora, acompanhando a mãe idosa para rever o irmão à beira da morte, foi considerada abandono de emprego, sendo punida de acordo, com demissão por justa causa (por assim dizer, porque tampouco havia contratos na escola de chinês). A professora que arrumaram para substituí-la se deixou explorar enquanto lhe foi conveniente. E, em alguns meses, depois de coletar, numa pequena caderneta, os telefones de todos os alunos da escola que passaram por suas classes e aos quais poderia oferecer seus serviços sem a necessidade de intermediários, pediu as contas, ludibriando a diretora, que era quem a rigor devia explorar e ludibriar os empregados.

A terceira professora de chinês o recebeu na porta da escola, com um sorriso chinês (e aqui o adjetivo não encerra nenhum preconceito, como o estudante de chinês insiste sempre que se vê acusado de racismo; é, antes, a tradução aproximativa de uma

expressão intraduzível), cantando em chinês, para não deixar dúvidas de que era ela a nova professora. Sempre que é acusado de racismo, o estudante de chinês responde que é brasileiro, como se assim estabelecesse uma contradição em termos — e, para provar o que diz, costuma recorrer à alegação surrada de que o passaporte brasileiro é o mais cobiçado pelos terroristas internacionais, já que admite todos os tipos e todas as raças. Desde o início, em todas as trocas de professoras, o estudante de chinês se sentiu ludibriado, como brasileiro, sem entender a razão das substituições e sem poder fazer nada para revertê-las, por mais que estivesse adaptado ao método da professora anterior (e por pior que fosse esse método), uma vez que as mudanças só lhe eram anunciadas (ou nem isso) quando já estavam consumadas. O agravante era que a nova professora, cantando na porta da escola, não parecia chinesa — e não apenas fisicamente, embora mantivesse aquele sorriso indecifrável. Falava uma língua ainda mais incompreensível que a das professoras anteriores. Um chinês que não correspondia nem mesmo à transliteração oficial do pinyin, a transcrição fonética, em alfabeto latino, que em princípio deveria guiar os ocidentais, permitindo-lhes reproduzir o som dos caracteres ou pelo menos imaginá-los. Além da confusão clássica e caricatural entre "r" e "l" que em geral acomete os chineses em língua estrangeira, ela também trocava o "ch" pelo "s" e vice-versa, exclamando "suva!" quando chovia ou tentando explicar ao estudante desorientado o que era um "chapo", o anfíbio que se põe a coaxar quando "sove".

O que se passa no aeroporto é mesmo estranhíssimo. Quando o estudante de chinês entra no saguão de embarque, a professora que ele não vê há dois anos já está na fila do check-in, de mãos dadas com uma menina de mais ou menos cinco anos,

chinesa como ela. Tudo é chinês. O avião está indo para a China. A menina não larga a mão da professora. O estudante de chinês, que nunca entendeu o que podia ter levado a professora a abandonar, sem explicações, o quarto livro do curso intermediário no meio da lição 22, se surpreende ao vê-la, segurando uma menina pequena pela mão, na fila de check-in do mesmo voo que o levará, em princípio, para Xangai. Que ele soubesse, do tempo em que ela ainda lhe dava aulas, dois anos antes, a professora não tinha filhos. É uma moça de vinte e sete anos, frágil e magra, com os braços esqueléticos e o cabelo castanho pálido, ralo, escorrido e espetado nas pontas, como se tivesse sido passado a ferro. A cor do cabelo é, para ele, uma anomalia, assim como a pele da professora de chinês, da mesma cor do cabelo. Se ela não tivesse usado o cabelo sempre assim, desde que o recebera cantando na porta da escola, ele saberia dizer se era tingido ou natural. O estudante de chinês se aproxima e diz o nome dela. A professora se vira, assustada, como quem vê uma assombração. Está mais pálida do que quando lhe dava aulas. Começa a tremer. Não sabe como reagir nem o que dizer, atrapalha-se com os bilhetes e os passaportes que traz na mesma mão que empurra o carrinho das malas, já que a outra segura a mão da menina. Deixa cair os passaportes e os bilhetes no chão, mas quando o estudante de chinês vai pegá-los, ela se adianta, largando, num movimento brusco, a mão da criança, que começa a chorar. Ele diz, na sua própria língua, já que o que aprendeu de chinês em seis anos não é suficiente nem mesmo para se dirigir à professora na fila do check-in: "Veja só que coincidência! Você abandonou as aulas no meio. Sumiu da escola. Fiquei preocupado. Ainda liguei para o seu celular, para saber se tinha havido alguma coisa". Mas antes de ela poder responder, já com os passaportes, os bilhetes e a menina de volta nas mãos, um homem empurra o estudante de chinês pelas costas, afastando-o para o lado e acaban-

do com a conversa. O homem segura a professora pelo braço. Ela mal tem tempo de reagir ou mesmo de chorar, embora devesse. Quer pedir pela menina, mas antes mesmo de ela poder dizer "não", ou de desfalecer (e não faltam razões para isso), o homem que a segura pelo braço lhe diz, no ouvido: "Fique calma. Não diga nada. Agora, você vem comigo. Eles se encarregam das malas". Ela olha para as malas no carrinho como quem observa o futuro escorrer pelo ralo. O homem acompanha o olhar dela e pergunta, já pronto para perder a cabeça: "Você não pôs nas malas, pôs?". Ela faz que não, balança a cabeça, com os olhos arregalados, como se preferisse não entender o que ouviu. O homem pega a menina no colo e puxa a professora de chinês para fora da fila. A menina, que silenciara por uns segundos com o susto provocado pela intervenção do desconhecido, volta a chorar. Ele arrasta a professora pelo saguão do aeroporto, passa diante do enorme painel de tapumes onde ainda se lê — mas não por muito tempo — sobre uma enorme fotografia de nuvens: "Desculpe o transtorno. Estamos crescendo para fazer você chegar mais rápido ao céu". Dois pintores, obedecendo a ordens que devem, por sua vez, refletir as reclamações de passageiros ofendidos com a ambivalência do bordão (ainda mais num país onde as duas principais companhias aéreas figuram entre as quatro mais desastrosas do mundo), tratam de cobrir a frase com uma demão de tinta branca. No meio do caminho, antes de desaparecer, deixando para trás o estudante de chinês diante do carrinho de malas abandonado, a professora se vira para ele e diz alguma coisa, em chinês, que ele não entende. Os chineses na fila, que poderiam entender alguma coisa, não se atrevem a olhar para ela ou para ele, como se bastasse olhar para correr o risco de acabar como a professora de chinês. Mais do que ignorar o estudante de chinês, fingem que não viram nada. Na China, ninguém precisa de escola de línguas para aprender a se comportar.

Em poucos segundos, outro homem surge esbaforido por trás do estudante de chinês e pergunta: "Pra onde é que eles foram?". O estudante não sabe o que dizer. O homem continua, sem esperar pela resposta: "As malas são suas? São dela? Vocês estavam juntos? Conhece ela, estava com ela? Você vem comigo". O estudante de chinês, que já ouviu isso antes, diz na sua própria língua: "Não posso. Meu voo sai às seis. Não quero perder o voo". O homem insiste: "Você vem comigo", e mostra o distintivo da polícia. O estudante de chinês hesita por uns segundos, antes de acompanhá-lo, contrariado e apreensivo, enquanto o policial empurra para dentro do elevador o carrinho com as malas da professora de chinês. Vão até uma sala sem janelas nas dependências da polícia, no terceiro andar. Uma vez lá dentro, o policial fecha a porta e começa o interrogatório. Quer saber o que foi que a chinesa lhe disse, de longe, em chinês, enquanto era arrastada por seu colega de corporação. O estudante de chinês deve se expressar agora na sua própria língua para explicar ao delegado o que não entende na dela, mesmo depois de seis anos de estudo:

"Por quê? Ora, por quê! Porque fui estudar chinês. Não fui estudar inglês ou espanhol. Chinês é a língua do demônio. Então, é normal que eu não entenda nada, mesmo tendo estudado seis anos. É normal. Até grego, em comparação, é bolinho. É claro que não podia falar em chinês com ela. E como é que o senhor quer que eu saiba o que ela disse? Em mandarim, a mesma sílaba tem quatro sentidos diferentes. Nunca ouviu falar? Quatro. E olha que tem outras línguas com mais tons ainda. O cantonês, por exemplo, que também é uma forma de chinês. É que nem sair atirando. Se acertar, é sorte. O senhor, que é da polícia, devia saber. Quatro tons diferentes. Para não falar das homofonias. O que é homofonia? Como assim, o que é homofo-

nia?! Homo é o mesmo. Homossexual. Fono é som. O mesmo som. E o senhor ainda queria que eu entendesse? Como é que eu conheci ela? Já disse, na escola de chinês. Desculpe, mas que língua estamos falando? Não, porque parece que o senhor não quer entender. Na escola de chinês. NA-ES-CO-LA-DE-CHI-NÊS! Vou perder o voo se continuarmos assim. Me diga o que o senhor quer saber e eu respondo, o.k.? O quê? Não, desculpe, desculpe, claro, vou me acalmar, mas é que assim eu acabo perdendo o voo. Não, é claro, eu sei, eu sei, é o senhor quem manda, é o senhor quem manda. Pego o voo se o senhor quiser. Vou repetir, sim: aqui, é o senhor quem manda. Isso, vou esquecer o avião. Pronto, já esqueci o avião. Pronto. A pressa é inimiga da perfeição. *Yu su er bu da*. Pronto. Do começo, certo, vamos começar do começo. Eu conheci ela na escola de chinês. Pronto. Por que fui estudar chinês? É a língua do futuro. Não tem resposta. Não deixe pra amanhã o que pode fazer hoje. *Bu yao ba jin tian de shi tui dao ming tian qu zuo*. Como? Um dia, todo mundo só vai falar e entender chinês. Pode escrever. Até isso aqui entre nós, este interrogatório, vai ter que ser em chinês. E aí quem não falar tá fodido. Já pensou? Eu não quero me foder. Ninguém quer. Claro, claro. Aqui não se fala palavrão. O senhor manda. O.k., não é interrogatório. Não precisa gritar. É uma conversa. Tem um monte de negócio aí nas paradas pra quem fala chinês. Comércio exterior, importação-exportação. O senhor sabe que daqui a uns anos, se for pra seguir as previsões dos economistas, o 'cenário' [*ele faz o gesto das aspas com as mãos*], não é assim que se fala?, o 'cenário' vai ser a China, maior economia do mundo? O senhor não leu que eles estão até pensando em instalar uma célula do PCC na estação espacial chinesa, com membros que vão ter no espaço as mesmas atribuições que eles têm aqui na Terra? É! Pode se preparar, sim! Burocratas. É! PCC mesmo. Não, não estou de sacanagem. Não leu? Na rede. Não, burocratas! Nada a ver com traficante, nada a ver. Partido Comunista

Chinês. Outro PCC. Burocracia no espaço. E quando eles invadirem o Brasil, quero dar as boas-vindas em chinês, cantando. Sabe como é que se diz? Não quer saber? Pois foi assim que ela me recebeu no primeiro dia de aula, na porta da escola, cantando as boas-vindas em chinês, *huang ying, huang ying*, que nem fazem lá na China no primeiro dia de aula, no jardim de infância, e quem disse que eu entendi? Ela cantava e cantava, sorrindo, *huan ying, huan ying*, e eu, disfarçando, repetia a primeira sílaba *huan huan*, que era só o que eu tinha pescado, a primeira sílaba e não a segunda, memória episódica de longo prazo, se fosse a segunda sílaba seria de curto prazo, sem saber o que estava dizendo, óbvio, sílaba é modo de dizer, porque em chinês não tem palavra com mais de uma sílaba, ou duas, na verdade não tem nem sílaba, cada caractere já é uma diversão, e uma palavra!, não sabia?, e dançava junto com ela, dançar também é modo de dizer, na porta da escola, quer dizer, balançava o corpo pra lá e pra cá, com os braços soltos, e sorria pra ela, fazendo eco da primeira sílaba, *huan huan*. No tom errado, é claro. Sabe que aparelho de surdez na China não funciona? Pois é... E sabe por quê? Por causa dos tons. É! Curti. Tom não é língua; é música. E aí, fodeu. O aparelho não capta. Ai, claro, desculpe. Aqui não se fala palavrão nem chinês. Não, não estou fazendo piadinha nenhuma, não, juro, desculpe, só não quero perder o avião. Sai agora, às seis. Pronto, já esqueci. O quê? O senhor tem um jeito gozado de falar. Não, mas o vocabulário não seria um pouco anacrônico? Ah, vai! Claro que sabe! Ultrapassado. Não, não. Ofensa nenhuma. Não, não tomei nada. Também não. Sou assim mesmo. Fico nervoso com aeroporto. Já estou mais calmo. Estou calmíssimo. Pode deixar. Do começo. Certo. Então, ela me recebeu cantando *huan ying, huan ying*. Tem mais da música: *gao xing wo jian dao ni*. Não? Tudo bem, não quer ouvir, tudo bem. É que eu decorei, tinha que decorar, não é?, senão não

passava de ano. Escola de adulto, sim, é claro que era escola de adulto. Mas o método é de criança, né? O senhor sabe que há uma grande escassez de material didático no Brasil pra quem ensina chinês? Ainda. Incrível, também acho. Xerox. Borboleta, formiguinha, minhoquinha. Não estou de sacanagem. Alfabetização na China é assim, então não tem por que não ser igual no Brasil, com adulto. Se os chinesinhos aprendem assim, por que é que a gente não pode aprender também? Não sei, o método não fui eu que criei, mas acho que eles pensam assim, o senhor pode perguntar pra eles quando invadirem. Aliás, quero ver quem não falar chinês na hora que eles invadirem. Mas a gente é amigo, se tiver problema, o senhor diga que me conhece. Toda grande potência acaba fazendo merda em algum momento. Ô, desculpa aí. Foi mal! Mas é verdade. Pode escrever. Toda grande potência. Porque é humano. E humano, o senhor sabe, um dia tem que acabar. O quê? Não é amigo? Tudo bem. O senhor não leu sobre a 'partícula de Deus'? [*O estudante de chinês faz o gesto das aspas com as mãos.*] Não é assim que eles chamam? Quem? Os físicos! Os físicos e os colunistas e os articulistas e os repórteres! Partícula de Deus! *Shenmi*. Em chinês, claro, pra todo mundo entender. *Shen*, deus. *Mi*, segredo. Mas na igreja da minha professora de chinês era *shangdi*. *Shang*, alturas. *Di*, senhor. Senhor nas alturas. Jesus. Curti. Ela era da igreja. É! Não sei qual. Só sei que tem Jesus no meio. E se não é Jesus que está arremessando esses asteroides contra a Terra, é quem? Quer maior prova de que Jesus tem péssima pontaria? Me diga. Sorte. O senhor não leu? Deu no jornal e eu guardei, de cabeça, é claro, posso repetir de cabeça, mas também tenho aqui, anotado, onde foi que eu pus? Ah! Aqui está, copiei: 'A descoberta confirma a visão grandiosa de um universo descrito por leis simples, elegantes e simétricas, mas no qual tudo o que é interessante, como nós, resulta de falhas e rupturas nessa simetria'. Interes-

sante, não? O senhor sabia que o universo está se expandindo, com a aceleração da energia negra? Não sei, não sou físico. Mas boa coisa não é. Foda. Desculpe! Desculpe! E quando eu li isso? Claro, fiquei mal. Tanto que anotei aqui. Levo essa caderneta por toda parte. Pra anotar, claro. Não, não vou anotar nada. Não precisa dizer. Fique tranquilo, já disse, não vou anotar! Eu sei muito bem onde estou. [*Relê o que anotou, em silêncio, mexendo apenas os lábios.*] Interessante como nós... nós somos as falhas e as rupturas do universo! O articulista mandou bem. Foda. Foda. Se é humano, um dia tem que acabar. Também! Somos sete bilhões, crescendo no ritmo de setenta milhões ao ano. Somos uma epidemia infestando o planeta, um surto. Nós somos a doença, circulando em aviões pelos quatro cantos do globo, espalhando a nossa morte com todo tipo de vírus desconhecidos. E, como toda epidemia, temos um fim. Os elefantes não estão morrendo? Então? Até os elefantes, que vivem um montão. E os americanos? Chegou a vez dos americanos. Não perguntou. Ué? Pelo que eu vejo à minha volta. Não, eu sei. Não perguntou. Não, nada contra. Nada. Não precisa dizer. Todo mundo sabe que o antiamericanismo é a religião dos ressentidos e dos perdedores. Qualquer turista sabe. Pra ser franco, não tem nada melhor que americano, curti, adoro os elefantes também, e o vinho! Que seria das cepas ameaçadas de extinção sem os americanos, sem o Napa Valley? Syrah, Zinfandel? Mas, cá pra nós, também fizeram a maior merda, né? Não gosta de vinho? E como é que o senhor quer que eu diga? Com quais palavras? Como qualquer grande potência. Eufemismo? Dois pesos, duas medidas. É. Os fins justificam os meios. *Jieshu bianjie shouduan*. Diferença nenhuma. Se a gente pudesse, também acabava com a privacidade pra combater o terrorismo; também se aliava com Arábia Saudita, Bahrein e o escambau; também defendia tortura fora das nossas fronteiras, em nome da democracia. Vai dizer que não defendia?

Agora, peguei o senhor! Eles estão certos. O problema é a porra da contradição. A contradição é uma merda. Desculpe. Na Arábia Saudita, ladrão é amputado; aqui, é deputado. Não preciso de ladrão pra me representar. Tenho opinião própria. É só o que o senhor tem a dizer? Eu já esperava por isso. Ninguém aguenta contradição. É isso aí. Ninguém quer se ver no espelho. A contradição é a força e a fraqueza da democracia. Por isso é que não pode durar. Por isso é que a democracia está condenada a degringolar em fascismo e religião. Leia os colunistas. A gente só não faz porque não pode. Eu, se pudesse escolher, ficava com os americanos. Mas agora é a vez dos chineses. De acabar, não. De começar! É. De começar! Sem contradições. Chinês não tem contradição. E eles já começaram. Vão fazer aliança com russo, com iraniano, com Taleban, com o escambau, com todo mundo que não pode fazer aliança com americano. Pragmatismo. Por dinheiro, é claro, é sempre por dinheiro, o senhor queria o quê?, não vai votar em evangélico?, todo mundo sabe, está nos jornais. Qual é o problema? Não vai me dizer que o senhor é dos que acham que a internet é uma entidade do mal controlada pelas grandes corporações de mídia pra acabar com a vida privada! Eu sempre disse que os chineses iam fazer acordo com o Taleban assim que os americanos saíssem do Afeganistão, pra ganhar mais dinheiro. Não saíram? Todo mundo, eu vou repetir, todo mundo é filho da puta. A começar por turista. O.k., desculpe. Não gosta de política internacional nem de palavrão? Espere só quando eles chegarem. E quando começarem a falar palavrão em chinês. Aí a cobra vai fumar! Como quiser, mas depois não venha pedir ajuda pra traduzir a confissão que eles vão obrigar o senhor a assinar quando for preso. Em chinês! Polícia vai ser tudo chinês. Não só polícia. Bandido também. Não quer saber? A professora de chinês o quê? Pra falar a verdade, nunca entendi de onde ela tirava aquelas roupas. Simpática, né? Parece que

tem um monte de mulher assim na China. Criativa. Sabe estilista? Faz uns negócios com uns panos. Deve comprar lá na Vinte e Cinco de Março, porque não tem dinheiro nem pra comprar chiclete, ou não tinha, mas está sempre com uma coisa assim, diferentona. Foi ela quem disse que não tinha dinheiro. Tinha que ser criativa. Misturava uns panos com uns negócios chineses. Se o senhor visse ela na rua, nem dizia que ela não tinha onde cair morta. Porque a verdade é que não tinha mesmo. Agora, eu só queria saber onde foi que ela arrumou o dinheiro pra comprar uma passagem pra China. Duas, né? Logo numa das primeiras aulas, ela me fez uma pergunta qualquer e os olhos dela brilharam com a minha resposta, que não me lembro qual foi, também não me lembro da pergunta dela, nem adianta querer saber, ela disse que também não suportava quando as pessoas se intrometiam na vida dela, com os olhos brilhando como os do senhor agora, só que não era de ódio, mas antes como se tivesse finalmente encontrado um amigo — já entendi, não somos amigos, não precisa falar assim —, ela disse que chinês não tinha vergonha — e, quer saber?, não tem mesmo, acaba de conhecer a pessoa e já quer saber se é casada, nem precisa ser polícia e já quer saber de tudo. Não quer saber? Bom, ela ficou contente de saber que eu não queria saber nada da vida dela nem queria contar nada da minha. E não perguntou mais nada, claro. Nada além de uma coisa ou outra, claro. Como o meu signo no horóscopo chinês. Fizemos uma aula inteira de horóscopo chinês. Não conhece? Ah, tem que conhecer! Pra mim, foi uma descoberta. Ah, se ajudou! Curti. Outra hora, claro. Só estou tentando explicar o método dela. Ela tinha que perguntar, né? É esperta. Quando queria descobrir uma coisa, achava um meio. Ela dizia o nome de um bicho, em chinês, óbvio, senão não era aula de chinês, e eu tinha que formar uma frase. Tipo: o rato é resistente, o cavalo é forte, o tigre é feroz etc. Na China, quando nasce

homem, o nome é sempre atributo de bicho: valente, forte, bravo. Já mulher nasce com nome de flor. De flor ou de planta. É batata! Não, batata não. Ou de céu. Ou de passarinho. Ou de pedra preciosa. Tem um monte de mulher com nome de pedra preciosa também. Ela mesma. Liuli. É o nome dela. Isso. E aí, no final, ela perguntou qual era o meu signo no horóscopo chinês. E eu disse: Rato. E ela: Eu também! E aí, vendo que a gente tinha mais em comum do que eu imaginava, mesmo ela sendo chinesa, embora não aparentasse, sorrindo um pro outro, nos reconhecendo, nós dois, ratos, perguntei se ela também tinha nascido em 1960. E ela fez aquela cara totalmente chinesa. Não, nenhum preconceito. Deus me livre, sou brasileiro. É, indecifrável. Isso. Parva. Parva e jovem. Obrigado. Às vezes, mais quando eu fico nervoso, me fogem as palavras. Embora eu já entendesse alguma coisa, porque estava estudando fazia três anos, não é? Pedi desculpas: Ai, desculpa, você é de 72! O senhor sabe que o ciclo do horóscopo chinês é de doze anos, certo? Não sabe, óbvio, o senhor nem sabia que existia horóscopo chinês. Ah, sabia? Desculpe. Fui eu que entendi errado. Nenhum problema. Nenhum. Então, o senhor sabe que o mesmo signo volta a cada doze anos. E como ela continuava com aquela cara — como foi mesmo que o senhor disse? Isso! Parva. Não, não era só um sorriso indecifrável, era só a cara de parva e jovem, melhor —, tive que me desculpar de novo, porque ela era de 84. Errei a idade dela por vinte e quatro anos! Concordo. Velho devia ser exterminado. Começou a dar problema, começou a não reconhecer... Aposentado é um estorvo pra sociedade. Basta fazer os cálculos. Não há economia que aguente. Nem a China! Então, não sou bom fisionomista. Já dei o meu depoimento. E não sei como posso ajudar além do que já ajudei. Tenho até medo de atrapalhar a sua investigação. Ou acabar tendo um problema de saúde aqui. Já pensou? Passageiro inocente tem síncope nas dependên-

cias da Polícia Federal. Então, estou liberado? Veja, o meu voo sai... Claro, meia-idade, não, o senhor tem toda a razão. Muito saudável, sim. Já entendi, sim, o voo é secundário, vou pra China quando o senhor quiser. Claro. Claro. Ah! Esqueci de dizer também que, antes dela, tive outras professoras de chinês, sempre na mesma escola, e que, uma depois da outra, elas iam desaparecendo sem explicações. É! Investigação? Ha-ha! Onde é que o senhor está com a cabeça? Imagine! Investigação! Era o que faltava. Se fizessem investigação, os donos da escola estavam fritos e eu não estava aqui. Estava estudando chinês com a minha professora. Mas aqui bandido não vai pra cadeia. Não lê jornal? Os bandidos estão soltos, enquanto vocês prendem passageiros honestos! Que é isso?! Não precisa falar desse jeito! Bom, eu chegava pra aula de manhã e dava de cara com uma nova professora. Foi assim no dia em que ela me recebeu, cantando *huan ying, huan ying*. Não, não vou cantar de novo. Não precisa se estressar. Era só pro senhor entender. Porque, senão, fica tudo muito solto, precisa amarrar, não é?, pra depois não haver mal-entendido. Não precisa gritar! Não estou enrolando nada. Não dava pra continuar dizendo o que eu ia dizer sem antes explicar que já tinha tido outras professoras antes dela e que eu conhecia mais ou menos a pronúncia do norte, que era como falavam as outras professoras que desapareceram sem explicações, porque pra mim foi um choque quando ela começou a falar com o sotaque do sul. É, do sul. Ela é do sul. É. Em chinês, ou melhor, no sistema de transliteração sonora que eles inventaram pra gente entender como é que se pronunciam os caracteres, um monte de palavras começa por 'ch', que se pronuncia como se fosse 'tch'; por 'sh' e por 'zh', que se pronuncia como se fosse 'j', e outro monte começa por 'c', que se pronuncia como se fosse 'ts'; com 's', que se pronuncia como 's' mesmo, e com 'z', que se pronuncia como se fosse 'tz'. O senhor não quer saber. É bem simples,

é só... Certo. O.k. Mas, no sul da China, eles confundem tudo. Então, ela dizia sapéu e suva. Eu dizia: Não é sapéu, é chapéu; não é suva, é chuva. E ela repetia: Que foi que eu disse? Sapéu, suva. Quer ficar louco? Em português, tudo bem. Isso não é nada. Mas, em chinês, uma língua de monossílabos, cha, sa, cho, so, zu, zhu, su, cu, ku! Se antes... não, não é palavrão, se antes, com as professoras do norte da China — já disse que não é palavrão —, se antes eu já não entendia nada, muito menos agora, com uma professora do sul. E aquilo me deixou maluco no início. Normal, né? O que tinha sido feito da minha professora anterior, com sotaque de Pequim? Vou ter que abrir outro parêntese, pro senhor entender, e isso sem nenhum racismo, não vai ficar chateado, pelo amor de Deus!, não precisa gritar, mas um amigo meu, que aliás é judeu, e por isso não pode ser antissemita (o que prova que eu também não sou, não é?, porque sou amigo dele, amigo mesmo, de verdade, do coração), me disse outro dia que os chineses são os judeus da Ásia. E eu concordo, quer saber? Chinês sempre odiou o comunismo. O senhor não perguntou a minha opinião? Mas é que se eu não disser, não vai entender a história. Muito bem, o.k., o senhor manda. Eu? Não, racista, não. Onde já se viu brasileiro racista? São dezenove novos milionários por dia em nosso país. O que eu queria dizer é que chinês não tem respeito pelo ser humano. Ainda mais por empregado. Chinês nasceu pra explorar os outros. Pra cometer abuso de autoridade. E não é pra menos. Vida na China não vale nada. Aqui? Aqui também não, mas pelo menos a gente fala a língua. Vai ver quantas pessoas são executadas por ano na China, por nada! Não sabe? Não faz a menor ideia? Onze por dia! É, é um montão de gente. E é uma gente dinheirista desgraçada. Não é minha opinião, não. Todo mundo sabe. Bom, não falo mais. O.k., o.k., não falo mais nada. Não estou insinuando nada. Estou nas suas mãos. O que o senhor quiser.